

# CONTROLAR E IMUNIZAR: A(S) POLÍTICA(S) DO CORPO EM *INTRUSION*, DE KEN MACLEOD

**Igor Furão**

*Centro de Estudos Comparatistas*

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*



**Resumo** || No presente artigo examinarei de que forma os sintomas e tribulações dos protagonistas de *Intrusion*, de Ken MacLeod, nos ajudam a reflectir sobre problemas éticos e questões de poder presentes na nossa sociedade contemporânea. Procurarei, primeiramente, iluminar as estratégias literárias utilizadas na construção da mundividência das personagens. Consequentemente, indagarei se o universo ficcional desta obra poderá verter nova luz sobre as possíveis consequências da convergência entre controlo tecnocrático, manipulação genética e reprodução medicamente assistida. Através de uma abordagem comparatista, que coloca este romance em diálogo com outras obras de ficção científica que o precederam, explorarei, pois, as relações que se estabelecem ao longo da narrativa entre a problemática da eugenia, a retórica do terrorismo, e um tipo de biopolítica que controla os corpos das personagens através de dispositivos de segurança.

**Palavras-chave** || Biopolítica | Ficção científica | Controlo | Ken MacLeod | *Intrusion*

**Abstract** || In this article I will examine how the symptoms and tribulations of the protagonists of *Intrusion*, by Ken MacLeod, may help us reflect on ethical issues and power issues present in our contemporary society. Firstly, I will try to evince the literary devices used in the construction of the worldview of the characters. Consequently, I will inquire if the fictional universe of this work may shed new light on the possible consequences of the convergence between technocratic control, genetic manipulation and medically assisted reproduction. Through a comparative approach, which puts this novel in dialogue with other works of science fiction that preceded it, I will thus explore the relationships that are established along the narrative between the problem of eugenics, the rhetoric of terrorism, and a kind of biopolitics that controls the bodies of the characters through safety devices.

**Keywords** || Biopolitics | Science-fiction | Control | Ken MacLeod | *Intrusion*

**Resumen** || En este artículo examinaré cómo los síntomas y las tribulaciones de los protagonistas de *Intrusion*, de Ken MacLeod, pueden ayudarnos a reflexionar sobre asuntos éticos y del poder de nuestra sociedad contemporánea. En primer lugar, señalaré los elementos literarios utilizados en la construcción de la cosmovisión de los personajes. Posteriormente, examinaré cómo el universo ficcional de esta obra puede ofrecer una nueva mirada acerca de las posibles consecuencias de la convergencia entre el control tecnocrático, la manipulación genética y la reproducción asistida. A través de un punto de vista comparatista que pone la novela en diálogo con otras obras precedentes de ciencia ficción, exploraré las relaciones establecidas a lo largo de la narrativa entre el problema de la eugenesia, la retórica del terrorismo y un tipo de biopolítica que controla los cuerpos de los personajes a través de medidas de seguridad.

**Palabras clave** || Biopolítica | Ciencia ficción | Control | Ken MacLeod | *Intrusion*

**Resum** || En aquest article examinaré com els símptomes i les tribulacions dels protagonistes de *Intrusion*, de Ken MacLeod, poden ajudar-nos a reflexionar sobre qüestions ètiques i del poder de la nostra societat contemporània. En primer lloc, assenyalaré els elements literaris usats en la construcció de la cosmovisió dels personatges. Després, examinaré com l'univers ficcional d'aquesta obra llança una nova llum a les possibles conseqüències de la convergència entre el control tecnocràtic, la manipulació genètica i la reproducció assistida. A través d'un punt de vista comparatista, que posa la novel·la en diàleg amb altres obres de ciència ficció que la van precedir, exploraré, doncs, les relacions establertes en la narrativa entre el problema de l'eugenesia, la retòrica del terrorisme i un tipus de biopolítica que controla els cossos dels personatges a través de mesures de seguretat.

**Paraules clau** || Biopolítica | Ciència ficció | Control | Ken MacLeod | *Intrusion*

*But I don't want comfort. I want God, I want poetry, I want real danger, I want freedom, I want goodness. I want sin.*

Aldous Huxley, *Brave New World*

Nos últimos quarenta anos os desenvolvimentos tecnológicos nas áreas da genética e da reprodução medicamente assistida têm vindo a revelar um grande potencial para alterar de forma profunda o tecido biológico e social do ser humano. A criação da fertilização *in vitro* ou a utilização de células estaminais na reparação de órgãos danificados são apenas dois entre os muitos exemplos que poderíamos mencionar para apoiar esta afirmação. Não obstante, a combinação destas duas áreas levanta, entre outros, problemas éticos para os quais as respostas ainda estão a ser desenvolvidas devido ao facto de partirem de conjecturas consideradas impossíveis, ou, na melhor das hipóteses, fantasiosas.

É certo que têm surgido efectivamente reflexões sobre problemas como a clonagem ou a eugenia positiva/liberal, radicadas numa abordagem mais directa, como acontece, por exemplo, em *On Cloning* (Harris, 2004) ou *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution* (Fukuyama, 2003). Estas constroem-se, geralmente, a partir da tensão entre dois pontos de vista opostos sobre quem deverá recair a responsabilidade: tratar-se-á de uma questão do foro da liberdade individual, relacionada, portanto, com o direito à auto-determinação, ou de um problema do âmbito da responsabilidade social, isto é, relativo ao estabelecimento de regulamentos normativos? Não ignorando o valor e o alcance de tais reflexões, a proximidade excessiva que estes problemas apresentam face ao olhar contemporâneo cria ângulos mortos que escapam até à visão arguta de autores como Jürgen Habermas ou Roberto Esposito, entre outros (ver Habermas, 2003; Esposito, 2002, 2004, ou Witkowski, 2008). Neste trabalho gostaria, pois, de me debruçar sobre o romance de ficção científica *Intrusion* (2012), de Ken MacLeod, de forma a examinar se também ele coloca estes dois pontos de vista em tensão, e/ou se o olhar distanciado e mediado pela ficcionalidade literária poderá verter nova luz sobre as possíveis consequências da convergência entre controlo genético e reprodução medicamente assistida.

Neste sentido, indagarei se as (in)decisões do casal protagonista do romance em relação ao seu filho nascituro nos ajudam a reflectir sobre problemas morais e questões de poder presentes na nossa sociedade actual. Ao longo de uma análise que será pontuada por diálogos com outras obras ficcionais de natureza semelhante, tentarei explorar especificamente as relações que se estabelecem entre a problemática da eugenia, o discurso de higienização, e um tipo de biopolítica<sup>1</sup> que controla os corpos das personagens através de aparatos e dispositivos de (in)segurança. Contudo, se queremos

---

## NOTAS

1 | Entendo aqui biopolítica na acepção foucaultiana do termo: «What we are dealing with in this new technology of power is not exactly society (or at least not the social body, as defined by the jurists), nor is it the individual body. It is a new body, a multiple body, a body with so many heads that, while they might not be infinite in number, cannot necessarily be counted. Biopolitics deals with the population, with the population as a political problem, as a problem that is at once scientific and political, as a biological problem and as power's problem» (Foucault, 2003: 245).

desenvolver todos estes pontos de forma coerente, identificando e relacionando cabalmente as questões levantadas ao longo do romance, teremos de procurar responder igualmente a uma outra questão de fundo: de que forma se constroem as situações e sintomas das personagens no romance? Ou seja, quais os mecanismos e estratégias literárias presentes nesta obra de ficção científica?

## 1. Numa sociedade distantemente próxima

Começemos por fazer uma breve introdução. Em termos espaço-temporais, a narrativa tem lugar num futuro próximo, num mundo dividido em dois grandes blocos que, no contexto do agravamento do aquecimento global, travam uma Guerra Quente («Warm War» [MacLeod, 2013: 43]): por um lado temos E.U.A., Europa e China, que procuram criar uma sociedade altamente higienizada quer através de fortes medidas de saúde – a alimentação e a utilização de substâncias aditivas como o álcool ou o tabaco são alvo de um rigoroso controlo –, quer por via de uma supervisão ambiental que procura eliminar as emissões de monóxido de carbono (2013: 124). Por outro lado, temos Índia e Rússia, que seriam supostamente a fonte do aquecimento (2013: 43). No romance, as únicas informações que temos sobre estas nações provêm de boatos e especulações das personagens: seriam Estados falhados governados por tiranos, caracterizados por sociedades insalubres nas quais a população trabalha penosamente para não passar fome e associados a um grupo terrorista denominado «Naxals» (2013: 153 e 184).

As personagens centrais, Hugh e Hope Morrison, e, em certa medida, Geena Fernandez, movimentam-se então numa Londres em que os avanços médicos, sobretudo no campo da genética, permitiram corrigir anomalias no ADN dos fetos e erradicar doenças como o cancro. Mais, vivem numa sociedade em que os desenvolvimentos tecnológicos possibilitaram a introdução de óculos de realidade aumentada com inúmeras funções, tais como a execução de compras online, a utilização de um GPS, a projecção de imagens em 3D, a visualização de TV ou a leitura de jornais. Nesta contextualização de espaço e tempo diegéticos encontramos, pois, vários elementos e temas que nos são familiares. Contudo, ainda que o aquecimento global, o terrorismo ou as novas tecnologias virtuais em rede nos estejam particularmente próximos, em *Intrusion* eles são elevados a um ulterior nível de desenvolvimento, ou, se quisermos, a sua lógica é levada até novas consequências. Por outras palavras, são transformados textualmente através do universo ficcional do romance. É nesta dinâmica entre conhecido e desconhecido que se estabelece um mundo plausível. Uma realidade verosímil com a qual o leitor se pode relacionar, mas que ao integrar igualmente elementos futuristas e um cenário de uma possível nova ordem

mundial, lhe permite melhor vislumbrar os contornos destes temas e abordá-los a partir de uma perspectiva diferente. Nas palavras de Jan Johnson-Smith:

Every text has a fundamental need: regardless of its medium. It must quickly and efficiently establish a convincing and sustainable reality. Science fiction's alternative realities are created both in and through visual or verbal language: its imaginary worlds are initially formed in a manner identical to those of other genres. The difference is that in sf these worlds must also distinguish themselves from the realities of our everyday world by creating new or different rules by which their realities function. [...] at the heart of reading is an act that helps to: create a world, built out of words and memories and the fruitfulness of the imagination. Usually, we miss the complexity of the process. Like poetry and postmodern fiction, sf tests the textual transparency we take for granted, contorting habits of grammar and lexicon with unexpected words strung together in strange ways. (2005: 19)

Ainda a respeito da construção literária e do estatuto desta obra dentro do género da ficção científica, note-se que apesar de existir igualmente no romance uma vertente mais especulativa que incide sobre conjecturas científicas mais distantes do nosso mundo actual, especificamente, a sugestão de uma mutação de rodopsina em Hugh e Nick que lhes permite detectar partículas hipotéticas de taquiões – em outros termos, que lhes permite ver o futuro – parece-me que o *ethos* do livro se localiza mais numa representação e problematização do impacto da tecnologia no ser humano, do que numa teorização de uma sociedade futura já muito afastada de nós. É certo que estas duas formas de articulação entre obra literária e conhecimento científico se encontram presentes e se complementam, enriquecendo assim o alcance de *Intrusion* enquanto obra de *Sci-fi*. Contudo, dir-se-ia que MacLeod, talvez pela sua formação científica em programação computacional e biomecânica, recorre a hipóteses implausíveis, como as viagens temporais, sobretudo enquanto artifícios de enredo e não tanto para, como refere Tatiana Chernyshova, (re)criar modelos do mundo, elaborando, aprofundando ou psicologizando «already existing 'mythological' themes and situations, the already classical themes of alien visitations, extraterrestrial civilizations and their relations, or near-light speed space travel» (2004: 355). No que concerne à interacção complexa entre conhecimento exacto e a consciência quotidiana (do leitor), o mundo ficcional criado pelo autor escocês não parece emergir «from the need by everyday modes of thought to appropriate the universe on some level» (2004: 354), mas, antes, de uma procura de consistência entre a narrativa e a ciência/tecnologia conhecidas na época da publicação da obra; emerge de um esforço de descrever realisticamente os mundos que tal ciência e tecnologia nos poderão trazer no futuro.

Prosseguindo com a introdução da obra, nesta Londres de um futuro próximo as mulheres grávidas têm de utilizar um anel de monitorização que está ligado através de uma conta pessoal aos centros de saúde locais e a uma base de dados nacional (MacLeod, 2013: 31). Para além de funcionar como dispositivo de localização, à semelhança dos óculos de realidade aumentada, o anel regista e transmite todo o tipo de informações sobre a actividade da mãe: se foi consumido algum tipo de substância aditiva ou que possa afectar o feto, se existe algum tipo de problema a nível da pressão arterial, temperatura corporal, etc. Neste esforço para aplicar medidas preventivas que caucionem a saúde de mãe e feto, existe igualmente uma pílula, conhecida simplesmente como «the fix», desenvolvida pela nova área científica Syn Bio (Synthetic Biology [2013: 18]). Não sendo legalmente obrigatória, esta é fortemente aconselhada a todas as futuras mães, uma vez que corrige (do verbo inglês «to fix») qualquer tipo de anomalia genética no feto.

Percebe-se, assim, que, a par dos desenvolvimentos médicos e tecnológicos a que aludimos anteriormente, existe outrossim a criação ficcional de inovações científicas que influenciam de forma determinante a vida das personagens, possibilitando, conseqüentemente, ao leitor antever e ponderar sobre as possíveis conseqüências futuras do uso concertado de controlo genético e reprodução medicamente assistida. Ao efeito de distanciamento e de «estranhamento do mundo», devemos portanto acrescentar o *novum* enquanto elemento estruturante de maior importância em *Intrusion*:

A *novum* or cognitive innovation is a *totalizing phenomenon or relationship deviating from the author's and implied reader's norm of reality*. [...] though valid SF has deep affinities with poetry and innovative realistic fiction, its novelty is 'totalizing' in the sense that it entails a change of the whole universe of the tale, or at least of crucially important aspects thereof [...]. As a consequence, the essential tension of SF is one between readers, representing a certain number of types of people of our time, and the encompassing and at least equipollent Unknown or Other introduced by the *novum*. This tension in turn estranges the empirical norm of the implied reader. [...] Quantitatively, the postulated innovation can be of quite different degrees of magnitude, running from the minimum of one discrete new "invention" (gadget, technique, phenomenon, relationship), to the maximum of a setting (spatiotemporal locus), agent (main character or characters), and/ or relations basically new and unknown in the author's environment. (Suvin, 2010: 68; itálicos do original)

É efectivamente o *novum* que impulsiona o desenrolar do fio narrativo e confere um carácter reflexivo e ensaístico ao romance.<sup>2</sup> À primeira vista, tanto os desenvolvimentos tecnológicos como as inovações científicas parecem trazer apenas benefícios ao mundo dos Morrison. Se o recurso aos óculos e o anel de monitorização não esconde um controlo constante de todos os aspectos da vida das personagens através da tecnologia, dir-se-ia que tal controlo

## NOTAS

2 |Recorro ainda às palavras de Johnson-Smith para melhor explicar o conceito de *novum*: «the narrative hegemony of a fictional innovation or novelty, the *novum*, where the narrative is determined by a change/ changes to the mundane experience based upon some scientific or logical innovations. This idea can be simplified to suggest that most science fiction stories are based upon the premise 'What if...' Science fiction creates new histories or new futures and examines their impact upon societies and individual» (2005: 25).



---

se justifica na medida em que visa o próprio bem-estar destas. Aliás, o facto de o Estado assumir uma responsabilidade crescente pelos seus cidadãos e pelas suas futuras gerações, procurando eliminar defeitos genéticos numa fase pré-natal, prefigura mesmo um contributo considerável para a construção de uma sociedade melhor. Porém, o que acontece quando alguém recusa utilizar estas inovações ou põe em causa os seus benefícios? Quando alguém se recusa a acomodar às convenções desta sociedade?

É esta pergunta com ecos huxleyanos (Huxley, 2006) que Ken MacLeod nos coloca logo nas páginas iniciais quando Hope declara «Well I'm not bloody doing it, [taking the 'fix']» (2013: 5). A sua insistência em levar a cabo uma gravidez natural, e sobretudo a sua posição controversa «contra tudo e todos» que a procuram convencer a tomar a pílula, ajudam-nos a desvelar uma faceta negativa e insuspeita destas políticas eugénicas e de higienização. Numa pressão crescente, desdobram-se ao longo do romance várias situações conflituosas, por vezes insólitas, que irão ter consequências progressivamente mais pesadas para o casal que espera o nascimento do seu segundo filho. Hope é sistematicamente desencorajada pelos seus amigos (2013: 12, 13 e 14) e acossada pelas outras mães do jardim-de-infância do seu primeiro filho Nick (2013: 81-88), mas mantém-se firme na sua resolução, nunca colocando verdadeiramente em causa os seus motivos. Todavia, quando durante a segunda consulta pré-natal se vê envolvida numa discussão com o seu médico, o Dr. Garnett, entrevemos finalmente os primeiros sinais de cedência:

She couldn't articulate her objection even to herself, let alone to anyone else [...]. Back at the flat, [...] she still felt defeated and down. Her choices, given that she wanted to continue the pregnancy [...] remained what they'd always been: to take the fix; to feign some faith position that would give her a conscience exemption; or to continue to refuse. The last of these would mean to escalating pressure, all the way up to having some court order slapped on her and being finally, physically, forced to take the fix. The second was beneath her dignity... That left the first. The fix. It wasn't so bad. [...] She winced at that way of putting it to herself. She was still thinking of it like a suicide. And so it would be; it would be killing something of herself. But what? Was it even an admirable part? She had no colours nailed to her mast, no principle to betray. Just this wordless objection. What if was just spite? (2013: 169-170)

Na minha leitura, Hope não consegue identificar e verbalizar a sua objecção devido ao facto de não existir uma base moral metafísica em que se possa apoiar: por exemplo, não há imperativo categórico kantiano, moral cristã ou ideologia política em que ela acredite verdadeiramente, que invista de sentido as suas acções (2013: 7). É certo que há nela um pressentimento de uma justiça e dignidade inerentes ao ser humano, mas percebemos que estas

não são meramente inatas, constroem-se antes em comunidade, no estabelecimento e regulação das relações interpessoais. E é precisamente aqui se localiza o problema. O recurso a uma pílula que permite alterar geneticamente os fetos, eliminando completamente qualquer tipo de malformação ou doença, comporta consigo profundas consequências relativamente à liberdade do ser humano em sociedade, uma vez que em certa medida (pré) determina o futuro do indivíduo antes de este nascer. O alcance desta inovação da engenharia genética, que, em última instância, esfuma os limites entre auto-determinação e acaso, confronta Hope, a sociedade em que esta vive, e nós, leitores, com novas questões práticas relativamente aos pressupostos dos nossos juízos morais e das nossas acções<sup>3</sup>. Como diria Habermas:

Shifting the 'line between chance and choice' affects the self understanding of persons who act on moral grounds and are concerned about their life as a whole. It makes us aware of the interrelations between our self-understanding as moral beings and the anthropological background of an ethics of the species. (2003: 28)

## 2. «*Crescat scientia; vita excolatur*»

Nesta «renegociação» do que é ser um agente moral face a uma ética que faz equivaler a auto-optimização da espécie a um incremento na autonomia do indivíduo, não apenas a auto-determinação do feto como também a da própria mãe está em jogo. Se no início do romance é através da pressão social para se conformar aos padrões de saúde estabelecidos que Hope é chamada à responsabilidade (moral) de proporcionar ao seu bebé um futuro sem doenças, à medida que ela se demonstra mais inflexível na sua decisão começamos a assistir à intervenção de figuras institucionais que procuram «persuadi-la» a tomar a pílula. Atente-se, por exemplo, à segunda visita de Fiona Donnely, a enfermeira designada pelo centro de saúde para acompanhar a gravidez:

'You know', Fiona said, with an impatient frown. 'Your personal profile is automatically updated all the time, from surveillance, and from your interactions – purchases, interpersonal connections – purchases, interpersonal connections, interactions with official bodies, social services, health, police...' [...] She slipped her computer out of her breast pocket and laid it on the table. 'Here, let me show you some of the dots they joined. Just put your glasses on.' Hope did. The devices linked. She saw a dark background spidered with red lines linking her with Maya, with a woman she didn't know, with Hugh, Nick, Jack Crow, various sites: ParentsNet, SynBioTech, the health centre: phone and street-camera photos of all these people and locations and more... it just went on and on, the viewpoint zooming and swooping through the web, while Fiona's murmured voice-over kept up a running commentary. (MacLeod, 2013: 212, 213-214)

### NOTAS

3 | É curioso notar que em termos semânticos o verbo «to fix» pode referir-se igualmente ao acto de fixar ou determinar algo.



Apesar de esta imagética estar em linha de continuidade com as representações do «Big Brother» em 1984 (Orwell, 1961), as informações que temos no livro sobre a legislação concernente a «the fix» deixam pressupor que Hope vive num Estado constitucional democrático<sup>4</sup>, e não num Estado totalitário. Por conseguinte, a atitude ameaçadora por parte de uma representante do sistema de saúde demonstra que uma legitimidade do uso da pílula baseada numa vontade democrática poderá não ser uma solução viável para o problema da responsabilidade moral dos pais. Fiona e o sistema de vigilância em rede que utiliza para pressionar a sua paciente, posicionam-se, pois, como herdeiros da sociedade de Winston Smith, porém não parecem funcionar tanto como símbolos distópicos de um futuro distante mas, antes, enquanto representações ficcionais plausivelmente próximas da nossa realidade ocidental actual. Podem ser lidos como uma alusão aos perigos da ingerência estatal numa sociedade pluralista constituída democraticamente, uma ingerência na esfera privada que se processa, tal como Gilles Deleuze e Félix Guattari parecem ter previsto, por intermédio de tecnologias de controlo que mantêm os indivíduos num campo de visão constante:

The conception of a control mechanism, giving the position of any element within any element within an open environment at any given instant (whether animal in reserve or human in a corporation, as with electronic collar) is not necessarily one of science fiction. Félix Guattari has imagined a city where one would be able to leave one's apartment, one's street, one's neighbourhood, thanks to one's (dividual) electronic card that raises a given barrier; but the card could just as easily be rejected on a given day or between certain hours; what counts is not the barrier but the computer that tracks each person's position – licit or illicit – and effects a universal modulation. (Deleuze, 1992: 7)

Gostaria de destacar ainda mais alguns pontos relativamente à intervenção de Fiona. Regressemos aos seus argumentos:

'You see, it starts with that disturbance outside the nursery, and all of a sudden you're a part of a flash mob initiated by that woman Maya [...] You go skipping off with her to a dodgy place, an unlicensed café no less, where you take of your monitor ring, and later it shows cotinine traces, very bad sign, Hope, as you should know. [...] This woman here, Geena Fernandez, is picked up and questioned about a terrorism-related offence. She's already connected to you because she's shown an interest in your case [...] and – she visited your husband at work yesterday! So...' [...]

'...that's it, that's why the police and social services databases are thinking about you right now. Nothing strong enough yet to alert a human operative, but definitely moving in that direction. I am sure there are perfectly innocent explanations for every one of these links and nodes, but...' [...]

'But nothing!' Hope said. 'It's just ridiculous. Terrorism? Come on. [...]' 'I think the correct term for that is "domestic extremist".' Fiona paused, for a laugh that didn't come- 'Nobody's going to say you're a terrorist, Hope. No need to be all dramatic about it. No, the point is that it's all building up to a profile that doesn't look like someone capable of providing a safe environment for a child' (MacLeod, 2013: 214-215)

## NOTAS

4 | Sabemos que foi aberto um precedente legal que poderá tornar «the fix» obrigatória no futuro, mas a nova legislação terá ainda de ir a votos e só entraria em vigor no espaço de meses (MacLeod 2013, 4-6).

Ora, há aqui dois aspectos que interessa salientar: *in primis*, que o simples contacto com Geena, uma cientista social que é alvo de um interrogatório policial por ter escrito um artigo sobre os «Naxals», seja suficiente para traçar um perfil perigoso e extrapolar uma ligação a uma suposta organização terrorista, traduz uma inferência com claros contornos orwellianos. À semelhança de Winston Smith ou de Sam Lowry, o protagonista de *Brazil* (Gilliam, 1985), também Hope se depara com uma série de acusações a roçar o surreal, geradas por uma lógica e uma lei intangíveis, que, no entanto, se encontram em perfeita conformidade com os parâmetros reais da sociedade em que vive. Em segundo lugar, a correspondência entre o gesto de recusa da pílula e o gesto terrorista salienta a existência de uma relação indissociável entre, por um lado, natureza/doença/terrorismo e, por outro, sociedade/saúde/ordem. Esta relação estrutura-se de acordo com a *lógica imunitária* a que o poder político recorre para controlar o corpo biológico de Hope, uma lógica que lhe escapa e, contudo, rege as relações sociais em *Intrusion*. Auxílio-me das palavras de Roberto Esposito para melhor explicar esta ideia:

[...] la comunità in quanto tale è letteralmente insostenibile. Perchè possa resistere al rischio entropico che la minaccia e con il quale in ultima analisi coincide – essa va preventivamente sterilizzata nei confronti del suo medesimo contenuto relazionale. Immunizzata dal *munus* che la espone al contagio con ciò che dal suo interno la eccede. A tale fine sono ordinate le forme – ruoli, nome, istituzioni – mediante le quali l’antropologia scinde la vita dal suo contenuto comune [...]. (Esposito, 2002: 16-17)

Se a inoculação de um organismo permite que o seu sistema imunológico o defenda do ataque de toxinas, vírus, bactérias ou outro tipo de doenças, também o Estado assume os processos biológicos como critério que norteia as suas acções/políticas e lhe permite manter a comunidade saudável e controlada. Não é pois de estranhar que a ameaça que paira sobre as personagens de um ataque iminente dos «Naxals», uma organização que «aterroriza» simplesmente por advogar menos restrições em termos de saúde e por estar contra a manipulação genética<sup>5</sup>, seja indispensável para que as instituições de poder possam instaurar as suas práticas eugénicas e as suas políticas de higienização. O agente contaminador, o inimigo, deixa de estar circunscrito a contornos ideológicos ou nacionalistas, devendo ser encarado, antes, como uma espécie de criminoso que representa uma ameaça não para o sistema político ou para a nação, mas para a própria lei e moral.

### **3. Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança**

Tendo em conta os diversos temas e elementos em *Intrusion* que

---

## NOTAS

5 | Uma organização que, tendo em conta as reflexões de Geena Fernandez, parece ter uma natureza terrorista/política incerta e uma origem histórica difícil de definir (MacLeod, 2013: 105-106).

---

ora o aproximam de 1984 e *Brazil*, ora o afastam, creio que se insinua aqui uma relação específica entre a lógica de poder que subjaz às narrativas de George Orwell e Terry Gilliam e aquela a que Ken MacLeod procura aludir no seu universo ficcional. Esta relação afigura-se crucial para alcançarmos uma melhor compreensão da ligação e transição de uma noção de biopolítica foucauldiana para uma biopolítica contemporânea, pelo que detenhamo-nos ainda um momento no seguinte diálogo entre Geena Fernandez e o seu amigo e mentor Ahmed:

‘Whereas here, it’s a sterile pin, a sticking-plaster, a helpline to prolong your feeling of being a victim, and no hug from me. Contrary to received wisdom that control over there is physical and over here it’s ideological – hegemony, false consciousness and all that Critical 101 guff – it’s almost exactly the other way around. Ordinary, non-political, everyday life is far more regulated here than it is in Russia or India- Why else do you think we maintain the low-carbon regulations, the holiday-flights ban for instance, and all the preventive health measures, when syn bio has cracked the carbon problem and fixed cancer and heart disease?’  
‘That sounds kind of... Foucauldian,’ said Geena, trying to keep her mind on an academic track. ‘Like, it’s all about control over bodies? Biopower? But it isn’t that already part of the critique?’  
Ahmed laugh. ‘Exactly! Bloody Foucault’s where they got the idea from!’  
(MacLeod, 2013: 124-125)

A reflexão de Ahmed não apenas deixa transparecer a lógica imunitária que mencionámos anteriormente, como possui um alcance maior: desconstrói a oposição que geralmente é tomada como evidente entre controlo físico/disciplinar e controlo ideológico. Recorrendo à sua formação em teoria crítica, identifica uma relação de continuidade e contiguidade entre o corpo-máquina das sociedades disciplinares (Foucault, 2002), e o corpo-bios das sociedades de controlo, referindo em seguida que estas duas formas de poder se articulam a partir da noção de que a própria biopolítica funciona como um sistema autopoietico (Luhmann, 1995;.Hardt, 2000). Em outros termos, que esta utiliza a crítica feita aos seus dispositivos e instituições por autores como Foucault para ultrapassar as suas limitações e adaptar-se às novas tecnologias, ao novo conhecimento científico que se alcança do corpo humano. Assim se explica a convergência que existe entre *immunitas* e controlo tecnocrático do Estado na governação da sociedade de *Intrusion*. Nesta, todos os aspectos da vida quotidiana dos indivíduos, todas as funções dos corpos biológicos, tornaram-se alvo de uma regulação ainda maior do que nos Estados com contornos totalitários – no caso do romance, a Rússia e a Índia. Dir-se-ia, portanto, que se insere numa «new order that envelops the entire space of [...] civilization» (Hardt, 2000: 6), na qual o conflito entre as nações perdeu relevância e o inimigo terrorista é simultaneamente banalizado, reduzido que está à condição de um objecto de rotina da repressão policial, e absolutizado, tornando-se na maior ameaça à ordem ética. Não basta vigiar e punir, é imperativo controlar e imunizar.

Embora não exista no romance nenhuma alusão particular àquele que terá sido o evento inaugural do século XXI, as coordenadas do universo dos Morrison e de Geena só poderão talvez ser entendidas a partir do mundo erguido dos destroços do *World Trade Center*. Dado que a campanha internacional *Global War on Terrorism*<sup>6</sup> forneceu uma retórica capaz de redesenhar antigos medos e ansiedades que desde o final da Segunda Guerra Mundial vinham sendo essenciais para o equilíbrio das políticas internacionais, parece-me ser este o referente histórico a partir do qual se aclara a articulação entre a(s) sociedade(s) orwelliana(s) e a sociedade macleodiana: a Guerra Fria transformou-se numa Guerra Quente, os terroristas ganharam uma nova face, e os gestos maquinais dos corpos passaram para um segundo plano em relação às funções do corpo biológico. Nas dinâmicas e na magnitude destas mudanças vislumbra-se, então, a forma como se desenvolveram as tensões entre uma vida humana que se sabe vulnerável, procurando alcançar uma maior compreensão de si mesma para melhor se proteger, e um poder que visa controlá-la através da manipulação dos seus medos e da instrumentalização dos meios de protecção. Como Frank Furedi tão bem nota, a actual «cultura do medo» não teve início com o colapso do *World Trade Center*. Os medos públicos já se encontravam bem disseminados muito antes do 11 de Setembro de 2001, pois «[t]he perceptions of risk, ideas about safety and controversies over health, the environment and technology have little to do with science or empirical evidence. Rather, they are shaped by cultural assumptions about human vulnerability» (Furedi, 2002).

Depois de ser pressionada socialmente pelos seus pares e amigos, e após ser coagida pelos profissionais de saúde que acompanham a sua gravidez, no desenlace do romance Hope acaba por ser interrogada e torturada pela polícia. A ilusão da possibilidade de escolha cai assim por terra, e a submissão completa ao poder estatal materializa-se finalmente numa realidade tangível; para impedir que Hugh permaneça o resto da sua vida desaparecido numa prisão, Hope toma «the fix». Na sequência do episódio do aprisionamento, a vida na Londres de *Intrusion* retoma o seu ritmo normal: Ahmed e Geena prosseguem as suas indagações sobre as biotecnologias, e os Morrison regressam aos seus respectivos trabalhos. Se é certo que a intervenção das forças policiais deixou cicatrizes profundas nas personagens, fazendo nascer nelas um desejo profundo de mudança (MacLeod, 2013: 386), em última instância todas elas se resignam ao seu destino e aceitam o seu lugar numa sociedade que, apesar de imperfeita, parece ser a melhor possível. São, pois, a prova viva de que os mecanismos de controlo tecnológico desta sociedade altamente higienizada são de facto eficientes na (re) integração dos indivíduos e na manutenção da saúde colectiva, ainda que comportem uma quotidianização da repressão do Estado e uma banalização da(s) ameaça(s) terrorista(s).

---

## NOTAS

6 | A GWOT, ou simplesmente *War on Terror*, é uma metáfora de guerra utilizada para designar a campanha militar – e, posteriormente, política, jurídica e cultural – lançada pela administração Bush após os ataques às torres gémeas. A campanha visava combater e eliminar todas as organizações terroristas e os regimes político-religiosos a elas associados.

## 4. (In)conclusões

A perseguição e o derradeiro gesto de violência de que Hope é vítima não se encontram longe dos destinos sofridos pelas personagens de *1984*, *Brazil* ou *Brave New World*, e, como acontece nestas obras, também *Intrusion* nos deixa com mais perguntas do que respostas sobre questões de vigilância, práticas eugénicas e políticas de higienização. Este romance poderá, portanto, ser de certo modo encarado como um prolongamento e uma actualização destas distopias, mas, na minha perspectiva, não deverá ser lido como uma mera cópia de cara lavada: ao introduzir a pílula enquanto *novum* catalisador de uma discussão de grande importância para a nossa sociedade, Ken MacLeod cria um mundo em que os complexos movimentos de auto-regulação e auto-produção da biopolítica contemporânea se destacam, tornando-se mais fáceis de acompanhar. Certamente não os conseguiremos ver em toda a sua extensão, e a pergunta que o escritor escocês parece formular – o que acontece quando alguém recusa acatar as políticas e as convenções vigentes? – fornecer-nos-á apenas um pequeno ângulo numa imagem de muito maiores dimensões. Ainda assim, esta obra de ficção científica oferece um contributo inestimável, por exemplo, à teoria crítica e à filosofia. Visto que as interpretações das actuais condições de crise são efectuadas à luz das possibilidades e do potencial de uma sociedade melhor, mais humana (Benhabib, 1986: 225-227), os sintomas das suas personagens e os seus elementos distópicos/ utópicos são um complemento essencial para que estas (e outras) disciplinas possam desenvolver os seus diagnósticos. Para que formulem críticas que olhem para o presente com a esperança de transformar o futuro.



## Bibliografia

- BENHABIB, S. (1986): *Critique, Norm, and Utopia: A Study of the Foundations of Critical Theory* (Reprint Edition), Columbia: Columbia University Press.
- CHERNYSHOVA, T. (2004): «Science Fiction and Myth Creation in Our Age», *Science Fiction Studies*, número especial sobre *Soviet Science Fiction: The Thaw and After*, vol. 31, 3 (Novembro), 345-357.
- DELEUZE, G. (1992): «Postscript on the Societies of Control», *October*, vol. 59 (inverno), 3-7.
- ESPOSITO, R. (2002): *Immunitas. Protezione e negazione della vita*, Turim: Biblioteca Einaudi.
- ESPOSITO, R. (2004): *Bíos – Biopolítica e filosofia*, Turim: Biblioteca Einaudi.
- FOUCAULT, M. (2002): *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (25.<sup>a</sup> edição), Petrópolis: Editora Vozes.
- FOUCAULT, M. (2003) [1976]: «*Society Must Be Defended*»: *Lectures at the Collège de France, 1975-1976*, Nova Iorque: Picador Press.
- FUKUYAMA, F. (2003): *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*, Londres: Profile Books.
- FUREDI, F. (2002): «Epidemic of Fear – We Were Scared to Death Long Before 11 September», *Spiked*, (15 March), [29/11/2016], <<http://www.spiked-online.com/Articles/00000002D46C.htm>>.
- HABERMAS, J. (2003): *The Future of Human Nature*, Cambridge: Polity Press.
- HARDT, M. e NEGRI, A. (2000): *Empire*, Harvard University Press.
- HARRIS, J. (2004): *On Cloning*, Londres: Routledge.
- HUXLEY, A. (2006): *Brave New World* (Reprint edition), Londres/Nova Iorque, Harper Perennial.
- JOHNSON-SMITH, J. (2005): *American Science Fiction TV: Star Trek, Stargate, and Beyond*, Middletown, CT: Wesleyan University Press.
- LUHMANN, N. (1995): *Social Systems*, Stanford University Press.
- MACLEOD, K. (2013): *Intrusion*, London: Orbit.
- ORWELL, G. (1961): *1984*, Londres: Signet Classic.
- SUVIN, D. (2010): *Defined by a Hollow: Essays on Utopia, Science Fiction and Political*, Berna: Peter Lang.
- WITKOWSKI, J. A., e INGLIS, J. R. (Editors) (2008): *Davenport's Dream: 21st Century Reflections on Heredity and Eugenics*, Nova Iorque: Cold Spring Harbor Laboratory Press.

## Videografia

- GILLIAM, T. (1985): *Brazil*. DVD. Embassy International Pictures